

**EXPLORANDO A CONEXÃO MENTE-CORPO:
CONTRIBUIÇÕES DE MEAD E DESCARTES**

**EXPLORING THE MIND-BODY CONNECTION:
CONTRIBUTIONS FROM MEAD AND DESCARTES**

**EXPLORANDO LA CONEXIÓN MENTE-CUERPO:
CONTRIBUCIONES DE MEAD Y DESCARTES**

Débora Araújo de Medeiros¹
Shirlene Santos Mafra Medeiros²

RESUMO

Este estudo investiga a relação mente-corpo, recorrendo ao "Discurso sobre o Método" de Descartes e ao interacionismo simbólico de Mead para explorar perspectivas filosóficas e científicas sobre esta interação complexa. Ao analisar contribuições da filosofia clássica e contemporânea, a pesquisa visa aprofundar a nossa compreensão de como o discurso filosófico evoluiu na abordagem do problema mente-corpo. Por meio de uma revisão teórica e epistemológica, este estudo destaca as dimensões intersubjetivas e experienciais apresentadas por esses filósofos, traçando o diálogo entre o pensamento antigo e o moderno. Os resultados destinam-se ao entendimento das paixões que podem ajudar pessoas a viverem vidas mais virtuosas e felizes ao aprenderem a controlar e direcionar suas paixões de maneira mais eficaz, com o objetivo de aprimorar a formação filosófica e as práticas pedagógicas na sala de aula. Ao unir aspectos teórico-metodológicos com o currículo, este trabalho busca melhorar o desempenho e a dinâmica das aulas. Espera-se que a compreensão de diversas percepções e teorias sobre a mente e o corpo enriqueça a pesquisa filosófica e a visão sobre a formação e narrativas de identidade individual e social.

Palavras-chave: relação mente-corpo; Descartes; Mead.

ABSTRACT

This study investigates the mind-body relationship, drawing on Descartes' "Discourse on Method" and Mead's symbolic interactionism to explore philosophical and scientific perspectives on this complex interaction. By analyzing contributions from classical and contemporary philosophy, the research aims to deepen our understanding of how philosophical

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2007); graduada em Sociologia; especialista em Marketing e Negócios; professora efetiva no Estado da Paraíba; mestranda no Mestrado Profissional em Filosofia (PROFILO) Núcleo UERN Caicó/RN e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES).

² Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Especialista em Formação de Professores numa Perspectiva Interdisciplinar (UFRN), Gestão Escolar -PROGESTÃO; Mestre em Ciências Sociais pela UFRN; Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade –Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB. Professora do Departamento de Filosofia – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e do Mestrado Profissional em Filosofia –PROF/FILO da UERN. Coordenadora do Programa de Extensão Memória, Identidade e Formação Social do Sujeito. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação, Saúde e Pensamento Complexo- GESCOM - E-mail: shirlenemafra@uern.br



discourse has evolved in addressing the mind-body problem. Through a theoretical and epistemological review, this study highlights the intersubjective and experiential dimensions presented by these philosophers, tracing the dialogue between ancient and modern thought. The results are aimed at understanding passions that can help people live more virtuous and happy lives by learning to control and direct their passions more effectively, with the aim of improving philosophical training and pedagogical practices in the classroom. By combining theoretical-methodological aspects with the curriculum, this work seeks to improve the performance and dynamics of classes. Understanding diverse perceptions and theories about the mind and body is expected to enrich philosophical research and insight into individual and social identity formation and narratives.

Keywords: mind-body relationship; Descartes; Mead.

RESUMEN

Este estudio investiga la relación mente-cuerpo, basándose en el "Discurso sobre el método" de Descartes y el interaccionismo simbólico de Mead para explorar perspectivas filosóficas y científicas sobre esta compleja interacción. Al analizar las contribuciones de la filosofía clásica y contemporánea, la investigación pretende profundizar nuestra comprensión de cómo ha evolucionado el discurso filosófico al abordar el problema mente-cuerpo. A través de una revisión teórica y epistemológica, este estudio resalta las dimensiones intersubjetivas y experienciales presentadas por estos filósofos, rastreando el diálogo entre el pensamiento antiguo y moderno. Los resultados están orientados a comprender las pasiones que puedan ayudar a las personas a vivir una vida más virtuosa y feliz aprendiendo a controlar y dirigir sus pasiones de forma más efectiva, con el objetivo de mejorar la formación filosófica y las prácticas pedagógicas en el aula. Al combinar aspectos teórico-metodológicos con el plan de estudios, este trabajo busca mejorar el rendimiento y la dinámica de las clases. Se espera que comprender diversas percepciones y teorías sobre la mente y el cuerpo enriquezca la investigación filosófica y la comprensión de la formación y las narrativas de la identidad individual y social.

Palabras clave: relación mente-cuerpo; Descartes; Mead.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca investigar a relação e as soluções entre mente-corpo para a filosofia, focando nos trabalhos e clássicos “O Discurso do Método de Descartes” (2000), as concepções do Interacionismo simbólico de Mead (2010) e a filosofia da mente. Nesse contexto, o texto pleiteia fazer uma análise das contribuições filosóficas e científicas dos estudos do corpo e da mente para aprofundar a compreensão e as soluções da filosofia através do tempo e da história.

As interfaces constatadas estão nas principais tendências e conceitos escritos sobre mente e corpo, pesquisadas nas colheitas filosóficas, de busca teóricas numa revisão epistemológica de um campo tênue experiencial intersubjetiva apresentada por esses filósofos e com base na filosofia antiga clássica à contemporaneidade.

Os resultados deste estudo serão apresentados aos estudantes do Ensino Médio da ECI Olívia Saraiva Maia aprimorar as ações educativas filosóficas, e ou intervenção

pedagógica para melhorar o ensino de filosofia na Educação Básica. Almejamos, portanto, construir uma ponte entre os aspectos teóricos-metodológicos no componente curricular de Filosofia, a memória experiencial e a filosofia em sala de aula, trabalho pensado para melhorar o desempenho e as dinâmicas das aulas.

Acredita-se que, ao entender melhor as percepções e teorias, que possamos aprimorar o conhecimento sobre mente e corpo e a pesquisa em filosofia, bem como, melhorar nossa compreensão de como os sujeitos formam e expressam suas identidades, suas narrativas pessoais e sociais.

UMA NOVA ABORDAGEM PARA O CONHECIMENTO

Nosso corpo, as nossas partes física e biológica, e nossa mente, o pensamento, os aspectos conscientes, têm uma relação complexa e entrelaçada. Qual deles define fundamentalmente você ou seu “eu”? Você é um corpo físico que tem pensamentos e emoções apenas como o resultado de interações bioquímicas no cérebro? Isso seria um corpo com uma mente. Ou há alguma parte extrafísica em você que está se manifestando, mas que poderia viver fora do seu corpo biológico? Isso seria uma mente com um corpo?

Na concepção de Descartes (2000), a mente é uma coisa pensante enquanto seu corpo não é. Para Descartes, o termo "pensamento" não se limita apenas ao raciocínio lógico, mas abrange uma ampla gama de estados conscientes. Ele utiliza essa palavra de forma abrangente para englobar atividades mentais como conhecer, duvidar, desejar, querer, imaginar, sentir e outros processos cognitivos e afetivos. Descartes reconhecia a complexidade da mente humana e considerava que o pensamento abrangia todas as facetas da experiência consciente. Essa visão ampla do pensamento ajudou Descartes a desenvolver sua filosofia e a explorar questões relacionadas à mente, ao conhecimento e à natureza da realidade.

Dessa forma, Descartes (2000, p. 29) explica que “quando eu examino a natureza do corpo, não encontro absolutamente nada nele que tenha sabor de pensamento.” A pergunta sobre o que fundamentalmente define o "eu" é uma das questões mais antigas e debatidas na filosofia, psicologia e agora na neurociência. Essencialmente, ela toca no debate mente-corpo, que tem raízes profundas na história do pensamento filosófico.

Por um lado, o materialismo (ou fisicalismo) sugere que tudo sobre nós, incluindo nossos pensamentos, sentimentos e consciência, pode ser totalmente explicado pelos

processos físicos e bioquímicos do cérebro. De acordo com essa visão, o "eu" seria essencialmente o resultado dessas interações bioquímicas; somos nossos corpos, e nossa experiência de consciência emerge das complexidades de nossa biologia cerebral. A discussão sobre o que define fundamentalmente o "eu" tem sido um tema recorrente ao longo da história da filosofia, da psicologia e, mais recentemente, da neurociência. A relação entre mente e corpo, ou dualismo mente-corpo, é um dos debates mais antigos e profundos no pensamento filosófico. Descartes (2000), onde ele afirma não encontrar nada no corpo que tenha "sabor de pensamento", reflete a visão dualista do filósofo.

O materialismo, ou fisicalismo, propõe que tudo sobre nós, incluindo nossos pensamentos e consciência, pode ser explicado pelos processos físicos e bioquímicos do cérebro. De acordo com essa visão, o "eu" seria resultado das interações bioquímicas em nosso cérebro, sugerindo que somos essencialmente nossos corpos e que a experiência de consciência emerge das complexidades de nossa biologia cerebral.

Por outro lado, o dualismo, conceito popularizado por Descartes (2000), argumenta que mente e corpo são substâncias fundamentalmente diferentes. Nessa perspectiva, a mente ou alma é uma entidade não física, que não pode ser reduzida a processos bioquímicos ou físicos. Para os dualistas, o "eu" estaria mais intimamente associado à mente ou consciência, algo que transcende o puramente físico.

A definição de Descartes (2000) sobre o corpo como algo que pode ser delimitado por figura, ocupar espaço, ser percebido pelos sentidos e movido por forças externas reflete claramente sua visão dualista. Essa separação entre corpo e mente influenciou profundamente a história da filosofia e da ciência, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento moderno e para os estudos da psicologia.

Investigar a relação do "eu" com a dimensão social, comparando o "eu" moderno com concepções antigas, é pertinente e pode enriquecer a compreensão da complexidade dessa questão. O Erro de Descartes de Antonio Damásio (1994) também oferece ideias valiosas para a reflexão. Para essas abordagens ampliam a compreensão do "eu" para além das dicotomias tradicionais mente-corpo, considerando aspectos emocionais, sociais e culturais que também constrói nossa identidade e experiência humana.

Ao reconhecer a importância das emoções, das interações sociais e culturais para a construção da nossa identidade e experiência humana na construção do Self e dos sentimentos na racionalidade, não estamos sugerindo que devemos permitir que essas questões dominem nossas decisões. Pelo contrário, é fundamental entender como

esses aspectos emocionais, culturais e nossas interações sociais, podem contribuir para um pensamento racional e uma tomada de decisão informada. Pode servir como guias em situações de incerteza e complexidade, ajudando-nos a avaliar as consequências de nossas ações e a agir de acordo com nossos valores e princípios morais.

Para Damásio 1994, “O bom senso tradicional ensinou-nos que isso acontece na realidade, e investigações recentes sobre o processo normal de raciocínio têm igualmente colocado em evidência a influência potencialmente prejudicial das emoções.” Através da análise de casos clínicos, descobertas neuropsicológicas e estudos em seres humanos e animais, podemos começar a desvendar a complexa interação entre razão e emoção no cérebro humano. Ao reconhecer a importância desses elementos na tomada de decisões, podemos ampliar nossa compreensão da natureza da racionalidade e da mente humana como um todo. Uma questão que a gente olha a gente vê algo no espelho e essa imagem é fortemente influenciada por uma construção social “A imagem corporal é a figura do nosso corpo que formamos em nossa mente da maneira com que ele nos apresenta, e pode ser definida como uma ilustração do corpo quanto ao tamanho, à imagem e à forma do corpo, que envolve também sentimentos acerca dessas características” (COQUEIRO et al. 2008; SAIKALI et al. 2004). Por exemplo feche os olhos e imagine a figura do seu corpo na sua cabeça, essa representação mental que você tem do seu corpo é o que você vê refletindo no espelho e não significa que é de fato o que é ou o que as pessoas vêem.

De acordo com Damásio (1994), as emoções desempenham um papel fundamental na tomada de decisões e no processo de raciocínio, influenciando diretamente a nossa percepção da realidade e a forma como interpretamos o mundo ao nosso redor. Por meio de estudos clínicos e neuropsicológicos, é possível compreender melhor a interação entre razão e emoção no cérebro humano, ampliando assim nossa compreensão da natureza da racionalidade e da mente.

Ao mesmo tempo, a construção social da imagem corporal também desempenha um papel significativo na forma como nos percebemos e nos relacionamos com nosso próprio corpo. A imagem corporal é a representação mental que temos de nosso corpo, envolvendo não apenas aspectos físicos, mas também sentimentos e percepções sobre nossa aparência e forma. Essa representação mental pode ser influenciada por fatores sociais, culturais e emocionais, afetando a forma como nos vemos e como nos comportamos em relação ao nosso corpo. “A imagem corporal é a figura do nosso corpo que formamos em nossa mente da maneira com que ele nos

apresenta, e pode ser definida como uma ilustração do corpo quanto ao tamanho, à imagem e à forma do corpo, que envolve também sentimentos acerca dessas características” (COQUEIRO et al. 2008; SAIKALI et al. 2004). Por exemplo feche os olhos e imagine a figura do seu corpo na sua cabeça, essa representação mental que você tem do seu corpo é o que você vê refletindo no espelho e não significa que é de fato o que é ou o que as pessoas vê. A imagem das coisas que fazemos na nossa cabeça (mente) é uma imagem aproximada das coisas. É parecido com o mito da caverna de Platão, quando você está dentro da caverna e você ver a sombra, é como você estivesse vendo a representação mentais das coisas lá fora não exatamente como são as coisas.

Essa reflexão sobre a relação entre razão, emoção e imagem mental se relaciona com pensamento de Descartes (2000), que defendia a separação entre corpo e mente. Descartes (2000) propôs a ideia de que a mente é uma entidade distinta do corpo, e que a razão é a faculdade que nos permite compreender a realidade de forma objetiva e racional. No entanto, ao considerar a influência das emoções e da construção social da imagem, podemos questionar essa dicotomia cartesiana e reconhecer a complexidade e interconexão entre corpo, mente, razão e emoção na experiência humana. Para Descartes (2000), podemos ampliar nossa compreensão da natureza humana, reconhecendo a importância das emoções, da percepção corporal e da razão na forma como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos.

Por outro lado, o dualismo, uma visão popularizada por Descartes (2000), argumenta que mente e corpo são substâncias fundamentalmente diferentes. A mente, ou a alma, é uma entidade não-física que não pode ser reduzida a processos bioquímicos ou físicos. Neste ponto de vista, o "eu" poderia ser mais intimamente identificado com a mente ou consciência, algo que transcende o puramente físico.

[...] pelo corpo, entendo tudo que pode ser delimitado por alguma figura; que pode ser compreendido em algum lugar, e preencher um espaço de tal modo que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido, ou pelo tato ou pela vista, ou pela audição, ou pelo paladar, ou pelo olfato; que pode ser movido de várias formas, não por si mesmo, mas por alguma coisa alheia pela qual seja tocado e de que receba a impressão. (Descartes, 2005b, p. 45).

Esta citação Descartes reflete sua visão dualista, que separa distintamente o corpo e a mente, uma abordagem que tem sido fundamental na história da filosofia e da ciência. Descartes define o corpo em termos puramente físicos e mecânicos,



caracterizando-o como uma entidade que ocupa espaço, tem forma, pode ser percebido pelos sentidos e é capaz de movimento, mas crucialmente, não se move por si mesmo, dependendo de forças externas para a mudança. Esta definição reflete a visão mecânica do universo que era revolucionária na época de Descartes e que influenciou profundamente o desenvolvimento da ciência moderna.

De acordo com Descartes (2000), o corpo é essencialmente uma máquina complexa, governada por leis físicas, em contraste com a mente (ou alma), que ele conceitua como uma substância pensante não-material, capaz de raciocínio, autoconsciência e autonomia. Para Descartes, a mente não está sujeita às mesmas leis que governam o mundo físico e é capaz de iniciar movimentos no corpo sem influência direta de causas físicas, uma interação que ocorre na glândula pineal, segundo sua teoria.

Essa distinção dualista entre mente e corpo levanta várias questões filosóficas e científicas, especialmente relacionadas à interação mente-corpo e à natureza da consciência. Embora a visão dualista de Descartes tenha sido crítica e modificada ao longo dos séculos, ela ainda influencia o debate contemporâneo sobre a consciência, a relação mente-corpo e a natureza do "eu". A tentativa de entender como a consciência surge do funcionamento do cérebro físico, por exemplo, é um problema central na filosofia da mente e na neurociência, conhecido como o "problema difícil" da consciência.

Outras abordagens, como o funcionalismo e o monismo anômalo, tentam encontrar um meio-termo ou oferecer uma nova perspectiva sobre essa questão. Algumas teorias contemporâneas, como o emergentismo, sugerem que propriedades como a consciência podem emergir de sistemas complexos, como o cérebro, sem serem redutíveis a eles. Descartes diz haver duas espécies de pensamentos:

[...] É fácil reconhecer que nada resta em nós que devemos atribuir à alma, exceto nossos pensamentos. Esses são, principalmente de dois gêneros, ou seja: uns são ações da alma e os outros, suas paixões. Aquelas que designo como suas ações, são todas as nossas vontades, porque sentimos que vêm diretamente da nossa alma e parecem depender exclusivamente dela. De igual modo e ao contrário, pode-se em geral designar suas paixões todas as espécies de percepções ou conhecimentos existentes em nós [...]. (Descartes, 2005a, p. 41).

Muito se reflete a importante distinção na filosofia de Descartes (2000) entre as "ações da alma" e suas "paixões". Na terminologia cartesiana, as ações da alma são essencialmente identificadas com a vontade ou volições, que Descartes considera

surgirem diretamente da alma e serem sob seu controle exclusivo. Em contraste, as paixões da alma, em seu entendimento, referem-se a percepções, sensações e conhecimentos que são experimentados pela alma, mas não originados por ela de maneira voluntária.

Para Descartes (2005a), as paixões são estados passivos da alma que são induzidos por interações com o mundo físico e o corpo. Eles são modos de sentir e perceber que, embora aconteçam "dentro" da alma, são, de certo modo, impostos a ela pelas suas conexões com o corpo e o mundo externo. Isso inclui sensações como dor, prazer, fome, e também emoções como alegria, tristeza, amor e ódio, que Descartes explora detalhadamente em sua obra "As Paixões da Alma". Damásio (1995), faz uma crítica a separação entre mente e corpo proposta por Descartes (2000), argumentando que as emoções desempenham um papel fundamental na tomada de decisões e no comportamento humano. Damásio (1995) sugere que as emoções não são simplesmente estados mentais passivos impostos à alma, como Descartes (2000) sugeria, mas sim processos complexos que envolvem interações sociais entre o corpo, o cérebro e o ambiente.

Ao contrário da visão cartesiana, que privilegia a razão e desconsidera as emoções, Damásio (1995) defende a ideia de que as emoções desempenham um papel crucial na tomada de decisões, influenciando nossas escolhas e comportamentos de forma profunda. Segundo Damásio (1995, pag. 33, 35 e 52):

“sugere que as funções cognitivas, como o pensar, o induzir, o raciocinar e o tomar decisões, são guiadas pela emoção e pela avaliação e julgamento das consequências das ações. Este neurocientista português chegou mesmo a criar uma teoria original de marcadores somáticos, propondo que as ações e as decisões exageradamente autorreguladas podem ser afetadas por reações corporais quando estimamos os seus resultados”.

As emoções são essenciais para a nossa sobrevivência e adaptação ao ambiente, fornecendo informações valiosas sobre o nosso estado interno e externo e guiando nossas ações de forma eficaz. Ao unir as ideias de Descartes sobre as paixões como estados passivos da alma induzidos pelo corpo e o mundo físico com a crítica de Damásio (1995) sobre a importância das emoções na tomada de decisões, podemos perceber a complexidade da relação entre razão, emoção e corpo na experiência humana. Enquanto Descartes enfatizava a separação entre mente e corpo, Damásio (1995) destaca a interconexão e a influência mútua entre esses elementos, ressaltando a

importância das emoções na nossa vida psíquica e social. Essa reflexão nos convida a repensar a dicotomia cartesiana e a considerar uma abordagem mais integrada e holística da mente humana.

Essa distinção é central para entender a visão dualista de Descartes (2000) sobre a relação mente-corpo. Ele vê a mente (ou alma) como uma substância pensante, distinta e separada do corpo físico, uma substância extensa. As ações da alma refletem a capacidade da mente para exercer livre arbítrio, enquanto as paixões representam a maneira pela qual a mente é afetada pelo mundo físico e pelo estado do corpo.

O pensamento importante e interessante de Descartes pelas paixões não é apenas teórico. Ele também está preocupado com o papel prático que elas desempenham na vida humana, como influenciam nossas decisões, comportamentos e o bem-estar geral. Para Descartes, entender as paixões é crucial não apenas para a filosofia, mas também para a ética e a psicologia, pois ele acredita que um melhor entendimento das paixões pode ajudar as pessoas a viverem vidas mais virtuosas e felizes ao aprenderem a controlar e direcionar suas paixões de maneira mais eficaz. O interessante é que, à medida que avançamos na neurociência e na filosofia da mente, nossa compreensão do "eu" continua a se expandir e se complexificar. A relação entre mente e corpo é intrinsecamente entrelaçada, e muitos argumentariam que não se pode compreender completamente o "eu" sem considerar ambos os aspectos.

Outrossim, a resposta à questão de qual deles define fundamentalmente você pode depender de sua perspectiva filosófica, científica e pessoal. Para alguns, a identidade é inseparável da consciência e da experiência subjetiva, enquanto para outros, a base biológica de nossa existência é a chave para entender quem somos. E ainda, para muitos, a realidade do "eu" reside em algum lugar entre esses dois polos, refletindo a complexidade da interação entre mente e corpo.

Num famoso experimento de pensamento, Descartes (2000, p. 31) salientou “que mesmo se todas nossas sensações físicas fossem apenas um sonho alucinante, nossa mente e pensamentos ainda assim, estaria lá”. Isso para ele, foi a prova máxima da nossa existência. E levou ele a concluir que a mente consciente é algo separada do corpo material que forma a nossa identidade.

A relação intrincada entre consciência, memória experiencial e identidade oferece uma rica tapeçaria para exploração filosófica, a memória é o que nos faz existir. No coração dessa investigação está o dualismo cartesiano, uma visão proposta por Descartes, que estabelece uma divisão fundamental entre mente e corpo. Descartes

(2000, p. 32) postula que "os objetos materiais não podem ter a propriedade da consciência", sugerindo que a consciência é uma faculdade exclusiva da mente, desvinculada das propriedades físicas que caracterizam o mundo material. Esta posição estabelece o palco para um exame mais profundo das nuances da experiência humana, particularmente em relação à memória e à identidade.

Na tentativa de Descartes de compreender a essência da consciência, ele inadvertidamente toca em um aspecto crucial da condição humana: a memória experiencial. Esta forma de memória, é descrita por Mafra Medeiros (2016) como:

[...] imediata, vivenciados através das relações do grupo de pertença do indivíduo (família, vizinhança, instituições escolares, de crenças e dos movimentos sociais) e as lembranças, a imaginação e o esquecimento, e a memória seletiva; a memória experiencial nas reminiscências nas biografias e autobiografias; e envolve também a memória da ação educativa. (Mafra Medeiros, 2016, p. 144).

A ideia de que a consciência e, por extensão, a memória e a identidade são qualidades imateriais e exclusivas da mente ressoa com as crenças de muitas tradições religiosas sobre a alma. Essas tradições frequentemente veem o corpo como um mero recipiente temporário para uma essência imaterial que é a verdadeira portadora da consciência. No entanto, o entendimento contemporâneo da neurociência desafia essa noção ao demonstrar como percepções sensoriais, como visão, som e tato, além de outros sentidos menos reconhecidos, como o equilíbrio e a propriocepção, contribuem para a formação de representações neurais que regulam nossa experiência consciente.

Este diálogo entre a perspectiva dualista de Descartes e os insights da neurociência moderna abre um campo fértil para a reflexão sobre a natureza da consciência e da identidade. Se a memória experiencial, enraizada em nosso corpo e na interação com o mundo material, é tão central para a construção de quem somos, então a divisão estrita entre mente e corpo proposta por Descartes parece insuficiente para abarcar a complexidade da experiência humana. Em vez disso, poderíamos argumentar que a identidade é formada na interseção do físico e do psíquico, onde as memórias experienciadas não apenas refletem nossa história pessoal, mas também constrói ativamente a percepção que temos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

A memória é o que nos faz existir destaca a importância da memória na construção da nossa identidade e experiência de vida. Ela remete ao famoso pensamento de Descartes "Penso, logo existo", que enfatiza a consciência e a

capacidade de pensar como prova da própria existência.

No contexto contemporâneo, a revolução tecnológica trouxe questões interessantes sobre a relação das pessoas com a memória e a dependência de dispositivos digitais. Alguns argumentam que a constante conexão com a internet e as redes sociais pode influenciar a forma como lembramos as coisas, uma vez que muitas informações estão facilmente disponíveis online.

No entanto, é importante ressaltar que a memória humana é muito mais complexa e abrangente do que a simples retenção de informações. Ela está intrinsecamente ligada às nossas experiências, emoções e relações interpessoais, construímos quem somos e como percebemos o mundo.

Embora a tecnologia possa influenciar a maneira como acessamos e armazenamos informações, a essência da nossa existência e identidade *Self* vai muito além disso. Perder a memória pode representar um desafio significativo para a nossa capacidade de funcionar no mundo, mas a nossa existência vai além das lembranças e da tecnologia, baseando-se em nossa consciência, pensamentos e interações sociais com o mundo ao nosso redor.

Para Construir as relações entre consciência, memória experiencial e identidade nos convida a reconsiderar as fronteiras entre mente e corpo, sugerindo uma compreensão mais integrada da condição humana. Esta abordagem não apenas enriquece nosso entendimento filosófico da identidade e da consciência, mas também promove uma apreciação mais profunda da complexidade e da riqueza da experiência humana, desafiando-nos a olhar além das dicotomias simplistas para abraçar a interconexão inerente de nossa existência.

Toda visão, som e toque criam novos mapas e representações no cérebro, que, por fim, tornam-se responsáveis por regular nossa própria experiência. E nós temos outros sentidos, além dos típicos cinco, como nosso senso de equilíbrio o senso de localização relativa das partes do nosso corpo.

A memória experiencial também é crucial nas reminiscências que são apresentadas ao recordar e narrar nossas experiências passadas, somos capazes de articular e explorar nossa identidade de maneiras significativas.

FILOSOFIA DA MENTE: CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS

Elisabeth da Bohemia foi uma filósofa que manteve uma longa correspondência

com René Descartes entre 1643 e 1649. De acordo com Michael Bruce e Steven Barbone (2013), a princesa Elisabeth em uma das suas cartas foi a primeira a chamar atenção de Descartes para essa problemática da interação mente-corpo:

Rogo que me diga como a alma do homem (que não passa de uma substância pensante) pode determinar que os espíritos do corpo produzam ações voluntárias. Porque parece que cada determinação de movimento acontece a partir de um impulso da coisa movida, de acordo com a maneira pela qual ela é empurrada por aquilo que a move, ou então, depende da qualificação e da forma das superfícies do último. O contato é necessário para as duas primeiras condições, e a extensão para a terceira. Você exclui totalmente a extensão da sua noção de alma, e o contato parece-me incompatível com uma coisa imaterial. E por isso que peço a você uma definição de alma mais particular do que em sua *Metafísica* — isto é, uma definição da substância separada de sua ação, o pensamento. (Bruce; Barbone, 2013, p. 360).

Essa citação destaca o desafio que Descartes enfrentou ao tentar conciliar a interação entre a mente e o corpo em sua filosofia. Ele defendia que a mente e o corpo eram substâncias diferentes, mas como exatamente a mente poderia influenciar o corpo de forma voluntária era uma questão complexa que ele abordou em outras obras filosóficas. A crítica de Elisabeth da Bohemia se destaca como um marco importante na reflexão sobre a complexidade da relação mente-corpo e na busca por uma compreensão mais integrada e consistente da natureza da mente humana.

Não me cabia dizer neste escrito mais nada sobre essa matéria, tanto porque o que disse é suficiente para mostrar que da corrupção do corpo não se segue a morte da mente, deixando assim aos mortais uma esperança de outra vida, quanto também porque as premissas das quais se possa concluir a imortalidade da mente dependem da explicação de toda a Física. (Descartes, 2000, p. 37).

O problema da interação entre uma substância imaterial (a mente) e uma substância material (o corpo) é uma questão clássica na filosofia da mente que levanta desafios significativos para os dualistas de substâncias, como Descartes. Descartes (2000) acreditava na existência de duas substâncias distintas - a mente, que era imaterial e pensante, e o corpo, que era material e extenso. No entanto, a questão de como essas duas substâncias podem interagir de forma a influenciar mutuamente suas ações é um dilema que tem sido objeto de debate e crítica ao longo da história da

filosofia.

A questão da interação entre mente e corpo continua a ser um desafio para os filósofos contemporâneos, que buscam encontrar explicações plausíveis para a relação entre processos mentais e atividades cerebrais sem recorrer a uma dualidade radical entre substâncias. Diversas teorias e abordagens têm sido propostas para tentar resolver esse problema, incluindo o fisicalismo, o funcionalismo e o dualismo de propriedades, que buscam integrar as dimensões mental e física da experiência humana de maneira mais coerente e abrangente.

Descartes tentou responder a essa objeção argumentando que a mente interage com o corpo através da glândula pineal no cérebro. No entanto, essa resposta não foi satisfatória para muitos filósofos, incluindo Elisabeth. Ela mostra as profundas questões filosóficas que surgem quando tentamos entender a natureza da mente e seu relacionamento com o corpo.

Essa questão continua sendo um problema para o dualismo até hoje. Alguns dualistas tentaram resolvê-lo propondo diferentes formas de dualismo, como o dualismo de propriedade, onde a mente e o corpo são a mesma substância, mas têm diferentes tipos de propriedades. No entanto, essas teorias também têm suas próprias dificuldades.

A articulação do "Eu" refere-se ao processo de autorrepresentação e autorreflexão que ocorre quando alguém escreve sobre sua própria vida. Este é um processo profundamente pessoal que envolve a exploração e a interpretação de suas próprias experiências e memórias. Segundo Mafra Medeiros (2016, p. 36), "um olhar mnemônico na articulação do "Eu", nas autobiografias, do "Mim" nas biografias e testemunhos, do self através da reflexividade e dos gestos significantes construídos na interação social com o outro generalizado." Esta afirmação sugere que nosso senso de identidade é formado e expresso através de uma complexa interação de memórias pessoais, autorreflexão, percepções de outras pessoas e interações sociais.

Afinal de contas, o sentimento de termos um corpo não é algo que simplesmente podemos ignorar. A reflexão sobre a relação entre mente e corpo ganha ainda mais relevância em um contexto contemporâneo no qual tecnologias futurísticas, como próteses neurais, robôs usáveis e a possibilidade de transferência da consciência humana para computadores, estão se tornando cada vez mais presentes e discutidas. Ao fecharmos os olhos em um quarto silencioso, percebemos a presença do nosso corpo de forma inegável, estaria associando a consciência cognitiva do próprio corpo, como eu penso o meu próprio corpo, evidenciando a interconexão entre nossa mente e nosso

corpo e a importância da experiência corporal em nossa vida cotidiana. A consciência das sensações corporais é fundamental para a nossa percepção do eu. Ao tocarmos o nosso próprio corpo, experimentamos não apenas a presença física, mas também o senso de controle e conexão emocional com ele. Essa interação direta com o corpo nos permite apreciar e valorizar a complexidade e a beleza do nosso ser físico.

Ao elogiarmos o nosso corpo, reconhecemos não apenas a sua forma e aparência, mas também a sua capacidade de movimento, sensação e expressão. Valorizar o nosso corpo para reconhecer a importância vital de cada parte do nosso ser físico para a nossa experiência no mundo.

A consciência das sensações, da ideia de estender o nosso "eu" para além do corpo físico, seja por meio de próteses neurais ou da transferência da consciência para um computador, levanta questões profundas sobre a natureza da identidade, da consciência e da experiência humana. A possibilidade de redefinir o nosso sentido de self por meio de novas tecnologias nos confronta com desafios éticos, filosóficos e existenciais, colocando em xeque conceitos arraigados sobre o que significa ser humano e ter uma existência consciente.

A crítica de Damásio (1995) em relação à separação mente-corpo proposta por Descartes se torna ainda mais pertinente nesse contexto, pois nos convida a refletir sobre a complexidade da interação entre processos mentais, corporais e tecnológicos.

Diante dessas questões e possibilidades futurísticas, é essencial considerar não apenas os avanços tecnológicos, mas também os impactos éticos, sociais e filosóficos dessas transformações no nosso entendimento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. A reflexão sobre a relação entre mente, corpo e tecnologia nos desafia a repensar conceitos arraigados e construir novas fronteiras da experiência humana, abrindo caminho para um diálogo abrangente sobre o futuro da humanidade e da consciência. Onde Mead (2010) também destaca a complexidade da mente, que engloba tanto as capacidades mentais individuais quanto aquelas que são compartilhadas socialmente. Essa perspectiva sugere a existência de um campo da mente, onde ocorre a interação entre as capacidades mentais individuais e as influências sociais. Essa ideia está alinhada às noções de espaços linguístico e cultural mencionados no livro "Autômatos geniais". Segundo o autor,

Da linguagem emerge o campo da mente...o campo da mente ser coextensivo com o campo do processo social da experiência e

comportamento e incluir todos os componentes deste, isto é, a matriz de relações sociais e interações entre os indivíduos que é pressuposta por ele e da qual ele surge ou ganha existência. (Mead, 2010, p. 331).

Nesta perspectiva, Mead (2010) enfatiza a importância da linguagem e da sociedade na formação e na natureza da mente humana. Através da interação linguística e social, desenvolvemos capacidades mentais individuais e também nos inserimos em um campo da mente que é moldado pelos espaços linguístico e cultural nos quais estamos imersos.

É de crucial importância a centralidade das interações sociais na formação do "self" ou si mesmo, sublinhando que a identidade individual não apenas emerge de, mas é intrinsecamente moldada e definida pelas experiências sociais. Segundo Mead, o self é, portanto, um produto das relações sociais e da comunicação, enfatizando a impossibilidade de conceber a identidade pessoal fora do contexto dessas interações.

Este conceito é fundamental para compreender a natureza da identidade pessoal e o desenvolvimento do indivíduo dentro de um contexto social. A percepção de Mead sobre o self como uma estrutura socialmente construída desafia noções mais individualistas de identidade, sugerindo que o ser humano não é um ente isolado, mas um participante ativo em um processo contínuo de interação e negociação com o mundo social ao seu redor.

A ideia de que o self emerge na experiência social implica que a identidade é algo dinâmico e em constante evolução, não um atributo estático ou inerente. As experiências sociais, incluindo a linguagem, os gestos e outras formas de comunicação, fornecem os meios pelos quais os indivíduos aprendem a se ver através dos olhos dos outros, internalizando as expectativas e atitudes sociais que formam a base do "mim". Este processo de internalização e a capacidade de adotar a perspectiva dos outros são cruciais para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autoconsciência. O ser humano, aqui pensado enquanto "self" ou si mesmo, para se ficar nesse par, deve ser compreendido a partir do seu desdobramento no mundo, pois, na psicologia social de Mead, o "self"

é essencialmente uma estrutura social, e ele emerge na experiência social. [Depois] do self ter emergido, em certo sentido ele fornece a si mesmo suas experiências sociais, e então podemos conceber um self absolutamente solitário. Mas é impossível conceber um self emergindo fora da experiência social. (Mead, 1972, p. 140, tradução nossa).

A afirmação de Mead de que, uma vez formado, o self pode fornecer a si mesmo suas experiências sociais, aponta para a capacidade do indivíduo de refletir sobre suas próprias ações e experiências, moldando ativamente sua identidade e interações futuras. Essa reflexividade é um aspecto fundamental da agência humana, permitindo que as pessoas não apenas respondam ao seu ambiente social, mas também contribuam para a sua construção e transformação.

No entanto, Mead também reconhece a natureza fundamentalmente social do self ao afirmar a impossibilidade de conceber um self que emerge fora da experiência social. Isso sugere que, embora possamos imaginar um self isolado após ter emergido, a sua própria existência e continuidade dependem de interações sociais contínuas. Essa perspectiva destaca a interdependência entre o individual e o social e sublinha a importância das relações sociais na constituição do ser humano. Essa contribuição de Mead para a compreensão do self como um fenômeno socialmente construído e dinâmico oferece insights valiosos para a psicologia social, a sociologia, a filosofia e outras disciplinas interessadas na natureza da identidade pessoal e nas bases das interações humanas. Ao enfatizar a emergência do self dentro da matriz da experiência social, Mead fornece uma base teórica para explorar a complexidade das relações humanas e o papel fundamental da sociedade na formação da identidade individual.

Uma premissa fundamental e bastante importante para Mead (1972), tanto para a psicologia quanto para a filosofia ao abordar a natureza humana, é a noção de que a humanidade de um indivíduo é intrinsecamente vinculada à sua participação em uma comunidade social. Isso implica que a essência do que significa ser humano é, em grande medida, determinada pelas dinâmicas das relações sociais e interações dentro de um contexto comunitário organizado.

Certamente, qualquer tratamento psicológico ou filosófico da natureza humana envolve o pressuposto que um indivíduo humano pertence a uma comunidade social organizada, e sua natureza humana deriva de suas interações e relações sociais com aquela comunidade como um todo, e com os outros indivíduos membros dessa. (Mead, 1972, p. 229, tradução nossa).

Esta perspectiva destaca a importância das estruturas sociais e das interações interpessoais na formação das características, comportamentos e identidades individuais. Mead argumenta que a natureza humana não é uma entidade isolada ou

intrínseca, mas sim um produto das relações sociais. Isso sugere que as qualidades que consideramos humanas, tais como a capacidade para a linguagem, o pensamento, a auto-reflexão e a consciência moral, são desenvolvidas através da participação em uma comunidade social.

De acordo com Mead, o processo pelo qual um indivíduo se torna um ser socialmente consciente e autônomo envolve a internalização dos papéis e expectativas sociais, um fenômeno que ele descreve através do conceito de "outro generalizado". Este conceito refere-se à capacidade de um indivíduo de antecipar as atitudes e expectativas da comunidade como um todo em relação a si mesmo. Assim, a construção do self é mediada pela capacidade de entender e responder às expectativas sociais, o que requer a habilidade de adotar a perspectiva dos outros.

A ênfase de Mead na interação social como a base da natureza humana também tem implicações significativas para a compreensão e tratamento de questões psicológicas e filosóficas. Ela sugere que qualquer abordagem para entender ou tratar desafios psicológicos deve levar em consideração o contexto social do indivíduo e a maneira como suas interações sociais influenciam sua saúde mental e bem-estar. Além disso, essa perspectiva enfatiza a responsabilidade coletiva na promoção de ambientes sociais que suportem o desenvolvimento positivo do self e do bem-estar psicológico.

Portanto, a contribuição de Mead oferece uma visão robusta da natureza humana como algo fundamentalmente enraizado na vida social. Reconhecer a interdependência entre o indivíduo e sua comunidade é crucial para abordagens psicológicas e filosóficas que visam compreender e promover o florescimento humano. Ao focar nas relações sociais como o principal meio pelo qual os indivíduos desenvolvem sua humanidade, Mead fornece uma base para explorar a complexidade da existência humana e a importância da comunidade na formação da identidade pessoal e da consciência social.

CONCLUSÕES INCONCLUSAS...

A relação mente-corpo, como proposta por Descartes, apresenta um dos dilemas filosóficos mais intrigantes sobre a natureza da interação entre o imaterial (a mente) e o material (o corpo). Sua solução, centrada na glândula pineal como o ponto de interação física entre mente e corpo, reflete um esforço pioneiro em abordar esse problema, ainda que as explicações modernas na neurociência e na filosofia da mente tenham avançado para além dessas noções iniciais. A tentativa de Descartes de localizar uma ponte física para a interação mente-corpo, embora questionada e superada por teorias subsequentes,

marca um momento significativo na história do pensamento sobre a consciência e a identidade pessoal.

Ao aplicar as ideias de Mead no contexto educacional, particularmente no ensino de filosofia, os estudantes podem ser estimulados a explorar como suas identidades são formadas e transformadas através de suas interações sociais e como a mente e o corpo funcionam juntos para navegar no mundo simbólico e social. Essa abordagem promove uma compreensão mais integrada do ser humano, que reconhece a importância das dimensões sociais e materiais na formação da mente e da identidade.

Assim, o interacionismo simbólico de Mead não apenas complementa a discussão sobre a relação mente-corpo, como também oferece um quadro teórico rico para entender a complexidade das interações humanas e da construção do self. Ao reconhecer a interdependência entre mente, corpo e sociedade, essa perspectiva amplia nossa compreensão das bases epistemológicas e das categorias analíticas utilizadas na pesquisa e na reflexão filosófica sobre a natureza humana.

A discussão sobre a relação mente-corpo e as teorias de Descartes fornecem um rico contexto para a reflexão filosófica no ambiente educacional. Ao explorar essas questões no Ensino Médio, como no caso da ECI Olívia Saraiva Maia, os estudantes são convidados a engajar-se em um processo de autorreflexão e autorreflexividade que é crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da identidade pessoal. O Componente Curricular de Filosofia serve como uma plataforma valiosa para o exame de questões fundamentais sobre o "eu", a natureza da realidade e nossa relação com os outros e o mundo ao nosso redor.

Ao aprofundar-se nessas reflexões filosóficas, os estudantes podem começar a apreciar a complexidade das interações sociais e a construção da identidade, bem como o papel que a filosofia desempenha na moldagem de uma compreensão holística e integrada do social. Além disso, a exploração dessas teorias filosóficas em sala de aula estimula o desenvolvimento de habilidades analíticas e críticas que são essenciais para o engajamento produtivo com as diversas áreas do conhecimento e práticas sociais.

Para fortalecer e enriquecer essa conclusão, pode-se destacar a importância contínua das questões mente-corpo na contemporaneidade, não apenas no campo da filosofia, mas também nas ciências cognitivas, na psicologia e na neurociência. A investigação interdisciplinar sobre a consciência, a percepção e a experiência subjetiva continua a desafiar nosso entendimento da natureza humana, promovendo um diálogo frutífero entre diferentes áreas do saber. Assim, ao engajar estudantes com essas

questões fundamentais, o ensino de filosofia contribui não apenas para a formação de indivíduos reflexivos e críticos, mas também para a preparação de cidadãos capazes de navegar e contribuir para um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

REFERÊNCIAS

BRUCE, Michael; BARBONE, Steven. **Os 100 argumentos mais importantes da Filosofia Ocidental**. São Paulo, SP: Pensamento-Cultrix LTDA, 2013.

Damásio A. O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano. Lisboa: Europa-América; 1995.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. 9. ed. São Paulo: Hemus, 2000. (Original publicado em 1637).

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2005a.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

MEAD, George Hebert. **Mente, Self e Sociedade**. (org). Charles W. Morris. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

MEAD, George Herbert. **Espíritu, persona y sociedad**. Desde el punto de vista del conductismo social. Buenos Aires: Paidós, 1972.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960**: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade. 2016. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2016.

Submetido em: 29/04/2024

Aceito em: 28/06/2024